26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ÓDIO EM REDE: MISOGINIA E DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO NA COMUNIDADE RED PILL BRASILEIRA

HATE IN THE NETWORKS: *MISOGYNY AND GENDER DISINFORMATION IN THE BRAZILIAN RED PILL COMMUNITY*

Jessiane Sousa do Espírito Santo – Universidade Federal do Pará /(UFPA)
Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva – Universidade Federal do Pará /(UFPA)

Modalidade: Trabalho completo

Resumo: A expansão de comunidades digitais associadas à machosfera tem intensificado a circulação de discursos misóginos, pseudocientíficos e antifeministas em plataformas digitais os quais influenciaram ataques contra mulheres e grupos historicamente marginalizados. Nesse contexto, esta pesquisa objetiva analisar as estratégias de produção e circulação da desinformação de gênero no movimento Red Pill brasileiro, com enfoque nas suas táticas discursivas, mecanismos de propagação e impactos interseccionais sobre mulheres negras, periféricas e LGBTQIAPN+. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada na Análise de Discurso Crítico. Foram realizados levantamento bibliográfico, análise documental e observação etnográfica não participante em ambientes digitais, com a constituição de um *corpus* formado por vídeos, transmissões ao vivo, publicações em redes sociais e relatórios especializados produzidos entre 2023 e 2026. Os resultados permitiram identificar quatro eixos centrais: a construção da masculinidade vitimizada, a deslegitimação do feminismo e dos saberes produzidos por mulheres, a elaboração de categorias normativas de performance de feminilidade e à amplificação algorítmica de conteúdos misóginos. Observou-se o uso recorrente de argumentos pseudocientíficos, narrativas de ódio e estratégias de monetização que reforçam desigualdades de gênero, injustiças informacionais e injustiças epistêmicas. Conclui-se que a esfera Red Pill brasileira atua como rede de produção e circulação de desinformação de gênero, o que contribui para a normalização da misoginia, o enfraquecimento da credibilidade

dos conhecimentos produzidos por mulheres e a reprodução de formas diferenciadas de violência simbólica, material e social.
Palavras-chave: estudos de gênero; desinformação de gênero; machoesfera; red pill.

Abstract: The expansion of digital communities associated with the manosphere has intensified the circulation of misogynistic, pseudoscientific, and antifeminist discourses on digital platforms, which have influenced attacks against women and historically marginalized groups. In this context, this study aims to analyze the strategies of production and circulation of gender disinformation within the Brazilian Red Pill movement, focusing on its discursive tactics, mechanisms of propagation, and intersectional impacts on Black women, women from peripheral communities, and LGBTQIAPN+ individuals. The research adopted a qualitative approach of an exploratory and descriptive nature, grounded in Critical Discourse Analysis. A bibliographic survey, documentary analysis, and non-participant ethnographic observation in digital environments were conducted, resulting in the constitution of a corpus composed of videos, live streams, social media posts, and specialized reports produced between 2023 and 2026. The results allowed for the identification of four central axes: the construction of victimized masculinity; the delegitimization of feminism and of knowledge produced by women; the elaboration of normative categories of femininity performance; and the algorithmic amplification of misogynistic content. The recurrent use of pseudoscientific arguments, hate narratives, and monetization strategies that reinforce gender inequalities, informational injustices, and epistemic injustices were observed. This research concluded that the Brazilian Red Pill sphere operates as a network for the production and circulation of gender disinformation, contributing to the normalization of misogyny, the weakening of the credibility of knowledge produced by women, and the reproduction of differentiated forms of symbolic, material, and social violence.
Keywords: gender studies; gender disinformation; manosphere; red pill.

1 INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva da Ciência da Informação, a presença do indivíduo em mídias digitais está condicionada por estruturas sociopolíticas de poder e interdependência que atravessam a sociedade e são reproduzidas, ainda que de forma ressignificada, no ciberespaço (Marteleto, 2001). Nesse contexto, as articulações e movimentos que se formam nessas redes configuram um campo informacional específico, no qual práticas comunicacionais e representações simbólicas se organizam estrategicamente para promover ações de caráter interventivo. Tais dinâmicas coletivas mobilizam conhecimentos práticos e experiências compartilhadas, orientadoras de processos de transformação social, mas que podem ser utilizadas para promoção de discursos de ódio, preconceitos e desinformação. Assim, as mídias sociais podem ser compreendidas como arenas de produção, circulação e apropriação de informação que influenciam a constituição de sujeitos, a negociação de sentidos e a reconfiguração da realidade social vivida (Brisola, 2018; Marteleto, 2001; Romeiro; Silva).

A Machosfera (*manosphere*, em inglês) é uma rede constituída por comunidades variadas virtualmente interconectadas, que busca definir o que significa ser homem ao mesmo tempo que promove ideais misóginos e existe como um espaço de reforço e acolhimento ideológico para seus simpatizantes (Kenway, 2022; Santini *et al*., 2024). No interior da Machosfera encontram-se conjuntos que coexistem, como os Celibatários Involuntários ou *incels*[1], *os Men Going Their Own Way* ou *(MGTOW)*[2] e os "Pílula Vermelha", do inglês *Red Pill*, que embora existam com sutis diferenças de narrativa, existem como um ecossistema[3] de valores e poder masculinista (Kenway, 2022; Santini *et al*., 2024).

O movimento *Red Pill*, originário de comunidades *online* internacionais, quando adaptado ao contexto brasileiro, configura-se como uma rede de conteúdos que promove narrativas essencialistas sobre gênero, apresentadas como um "despertar" para uma suposta realidade oculta (Van Valkenburgh, 2021). O discurso afirma que o feminismo e as mulheres dominam a sociedade em detrimento dos homens. Ao definir os homens como reais vítimas de injustiças e ódio por parte das mulheres, incentiva a adoção de comportamentos de "machos alfa" por parte de seus integrantes, com afirmativas de que unicamente desse modo se desenvolverão como "homens de valor" ou "de alto valor" (Santini *et al*., 2024).

No Brasil, como um dos países com maiores índices de violência contra as mulheres e alto índice de feminicídio[4], *coaches* e influenciadores de masculinidade popularizaram o termo por meio de plataformas como YouTube, TikTok, X (Twitter) e Telegram, com forte ênfase em pseudociências, estratégias de poder patriarcal e discursos de ódio disfarçados (Romeiro *et al*., 2023a, 2023b; Santini *et al*., 2024).

A machosfera mistura autoajuda com narrativas de vitimização masculina, distorção de dados estatísticos e teorias conspiratórias que tratam o feminismo como "arma cultural" (Dignam; Rohlinger, 2019). O resultado é a produção sistemática de desinformação de gênero,

[1] Os Incels, do inglês *involuntary celibate*, se pautam na filosofia de celibato involuntário ou voluntário, uma vez que as mulheres detentoras do poder social excluem homens supostamente pouco atraentes fisicamente das relações amorosas e sexuais (Solea; Sugiura, 2023).

[2] Os MGTOW, do inglês *Men Going Their Own Way*, defendem o separatismo masculino como estilo de vida, seus membros buscam a autonomia individual ao evitarem deliberadamente a coabitação com mulheres (Daudt; Valiati; Conte, 2025).

[3] Ecossistema, para este trabalho, pode ser definido como unidade que inclua todos os organismos em funcionalidade conjunta em uma determinada área, interagindo com o ambiente físico de forma que leve a estruturas bióticas (Odum; Barrett, 2011).

[4] Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025), o Brasil ocupa a quinta posição em um *ranking* mundial de 83 nações sobre homicídios femininos, apresentando uma taxa de 4,8 assassinatos para cada 100 mil mulheres, índice superior à média internacional estabelecida pela Organização Mundial da Saúde.

que reforça relações de poder desiguais e dissemina ódio contra mulheres e meninas. Casos recentes, como a *trend* "Caso ela diga não"[5] e o envolvimento de influenciadores ligados ao movimento em episódios de violência[6], evidenciam os impactos concretos dessas narrativas.

Diante desse contexto, esta investigação parte do seguinte problema de pesquisa: De que forma o movimento *Red Pill* brasileiro opera como rede de desinformação de gênero, via produção e circulação de narrativas de ódio e pseudociência que reforçam injustiças informacionais e epistêmicas contra mulheres e meninas no cenário brasileiro atual? Para responder esta pergunta, a pesquisa possui como objetivo geral analisar as estratégias de produção e circulação de desinformação de gênero na esfera *Red Pill* brasileira em plataformas digitais, com ênfase nas suas táticas discursivas, mecanismos de propagação e relações interseccionais entre mulheres.

Esta pesquisa encontra-se em consonância com pesquisas realizadas no âmbito da Ciência da Informação, dentre as quais destacam-se Romeiro *et al*. (2023a, 2023b) com a categorização das novas masculinidades em ambientes socioinformacionais; a folksonomia e ativismo digital (Romeiro, 2020) e violência contra a mulher em regimes informacionais digitais (Sampaio *et al*., 2021). Complementarmente, esta pesquisa encontra-se alinhada à Agenda 2030 das Nações Unidas, especialmente no que se refere aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, Igualdade de gênero, e ODS 10, Redução das desigualdades, ao propor uma reflexão crítica sobre dinâmicas de poder e assimetrias sociais reproduzidas nos fluxos informacionais nas mídias de movimentos masculinistas. A proposta articula-se, ainda, ao escopo do GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, vinculado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), pelo enfoque conferido às questões de gênero com enfoque no homem como sujeito generificado e, portanto, atravessado por construções socioculturais (Romeiro *et al*., 2023a).

2 DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO COMO PROMOTORA DE INJUSTIÇAS EPISTÊMICAS E INFORMACIONAIS

[5] Vídeos em que adolescentes e jovens homens ensinam como responder com violência caso a mulher recuse pedido de namoro ou casamento (Cursino; Dean, 2026).

[6] Thiago Schutz, o assumidamente influenciador Red Pill, conhecido como "Calvo do Campari", foi detido em 2025 sob acusação de agressão física e tentativa de estupro contra sua então namorada, gerando medidas protetivas de urgência (Dias, 2025).

No âmbito da Ciência da Informação, a desinformação de gênero pode ser compreendida como um dispositivo sociotécnico de produção e circulação de conteúdos enganosos que operam na deslegitimação simbólica e política das mulheres. Ao incidir sobre atributos como competência, trajetória e capacidade intelectual, essa modalidade de desinformação atua estrategicamente na construção de narrativas que reforçam hierarquias de gênero e sustentam regimes de exclusão (Viana, Lima, Arruda e Miranda, 2023). Assim, a desinformação de gênero compreende a produção e disseminação intencional de informações falsas ou distorcidas que comumente atacam direitos e experiências das mulheres, meninas e comunidade LGBTQIAPN+ (Nogueira; Domingues, 2025). Ela se distingue da desinformação geral, pois explora estereótipos de gênero e reforça hierarquias patriarcais.

Conforme apontam Khan (2021), Pierce (2020) e Viana; Lima; Arruda; Miranda (2023), tais práticas informacionais incluem desde a mobilização de estereótipos e discursos misóginos até a utilização de imagens sexualizadas como instrumento de ataque e descrédito. Ademais, manifestam-se na negação de fenômenos estruturais, como a violência de gênero e o assédio sexual, e na disseminação de conteúdos que buscam desestabilizar agendas e movimentos voltados à igualdade de direitos.

No movimento *Red Pill* brasileiro, o discurso na *web* se solidifica na combinação da pseudociência evolucionista, com narrativas de vitimização masculina e estratégias de monetização, por meio de cursos pagos e afiliados diversos. Esses elementos convertem inseguridades masculinas em ódio sistemático contra mulheres e meninas (Fallis, 2015; Nogueira; Domingues, 2025). Noble (2018) demonstra como algoritmos amplificam conteúdos discriminatórios e configuram arquiteturas informacionais opressivas. Os mecanismos de recomendação, baseados em engajamento emocional, ancorados em raiva, inveja e ressentimento, entre outros, geram *pipelines*[7] de radicalização nos quais conteúdos iniciais de autoajuda rapidamente evoluem para misoginia explícita.

Tais preconceitos de gênero geram diversos tipos de injustiças epistêmicas, dentre as quais destaca-se a injustiça testemunhal[8], quando invalidam depoimentos de mulheres que sofreram assédio e outra violência de gênero. Complementarmente, essas violências resultam

[7] Processo pelo qual conteúdos iniciais moderados conduzem progressivamente o usuário a materiais mais extremados por meio de algoritmos baseados em engajamento emocional. Na machosfera, o pipeline costuma evoluir de discursos de masculinidade para misoginia explícita (Ging, 2019; Noble, 2018).

[8] Preconceito identitário que leva o ouvinte a atribuir credibilidade reduzida ao falante, invalidando injustamente seu testemunho ou conhecimento (Fricker, 2007).

na injustiça hermenêutica[9], quando lacunas interpretativas não permitem a essas mulheres entenderem quando sofrem tais violências, haja vista não possuírem arcabouço teórico-conceitual que permitem interpretar suas experiências (Fricker, 2007). Essas injustiças epistêmicas estão atreladas às mortes das agências de saberes e conhecimentos produzidos *por* e *para* mulheres. Historicamente mulheres foram alijadas de muitos direitos, dentre eles, de frequentarem os bancos escolares, de serem cientistas e consideradas autoridades epistêmicas e científicas, haja vista os papéis de gênero socialmente atribuídos em sociedades patriarcais (Romeiro, 2020). Assim, tais sujeitas sofreram e ainda sofrem com injustiças na produção e acesso à informação, assim como com epistemicídio de seus saberes e conhecimentos. Isso vai ao encontro do que infere Carneiro (2019), quando conceitua o epistemicídio como o processo de supressão de saberes subalternizados, feministas, mulheristas e decoloniais, em favor de uma monocultura do saber dominante, masculino, hetero e patriarcal.

A comunidade *Red Pill* brasileira atualiza esse epistemicídio ao apresentar o feminismo, não como movimento filosófico e político que busca igualdade de oportunidades e vivências entre gêneros (Gonzalez, 2020), mas como arma cultural que ameaça o modo de vida e a existência dos homens na sociedade. Dessa maneira, invalidam violências estruturais contra mulheres, sobretudo negras e periféricas, ao mesmo tempo em que essa dinâmica reforça o silenciamento epistêmico e impede a circulação de narrativas necessárias para contestar hierarquias e desigualdades de gênero. Complementarmente, essas dinâmicas de violência operam interseccionando marcadores sociais entre as mulheres, como a pertença étnico-racial, classe social, sexualidade, pertencimento religioso, localização geográfica e nível educacional. Crenshaw (1989) estabelece a interseccionalidade como ferramenta analítica que revela como opressões se articulam.

Ainda no contexto *Red Pill*, *coaches* tomam para si o papel de *gatekeepers*[10] informacionais, que distorcem dados estatísticos, selecionam narrativas convenientes e monetizam visões masculinistas essencialistas, além de promover valores e entendimentos patriarcais de manutenção de estereótipos de gênero. O ideal de masculinidade "alfa" e "provedora" veiculado pela *Red Pill* se entrelaça com ideais de supremacia racial branca, classe

[9] Refere-se à lacuna nos recursos interpretativos coletivos que impede que experiências sociais de grupos marginalizados sejam compreendidas adequadamente por elas mesmas e/ou pelos demais (Fricker, 2007).

[10] *Gatekeepers* são indivíduos, grupos ou organizações que controlam o fluxo de informações, decidindo quais notícias, conteúdo ou dados serão divulgados e quais serão retidos e por quais motivos (Shoemaker, Vos, 2011).

e heteronormatividade. Sob esse ideal, mulheres negras enfrentam narrativas que ignoram violências raciais sofridas e reforçam controle relacional[11]; mulheres periféricas lidam com distorções que naturalizam desigualdades econômicas e sociais; e mulheres LGBTQIAPN+ sofrem exclusão adicional via essencialismo de gênero[12]. Essas variações produzem injustiças que limitam ainda mais o acesso seguro à informação e a participação ativa dessas mulheres em sociedade.

3 MASCULINIDADES NA MACHOSFERA E AFFORDANCES[13] DAS PLATAFORMAS

Em sociedades patriarcais, a masculinidade é entendida como um padrão normativo de comportamento e identidade que sustenta e reproduz estruturas de poder masculinas. Trata-se, assim, de uma construção histórica que organiza hierarquias de gênero e influencia as relações sociais a partir da colonialidade e do patriarcado (Romeiro, 2020; Romeiro *et al*., 2023a, 2023b). Ging (2019) analisa a machosfera como ecossistema que combina masculinidades definidas como híbridas, as quais misturam elementos tradicionais e progressistas na masculinidade contemporânea e essencialismo de gênero.

A ideologia do movimento *Red Pill* apresenta o ideal de masculinidade vitimizada como uma masculinidade secundária, distinguidas entre "*betas*" e "*incels*", enquanto também vende a reconstrução entorno da supremacia masculina com uso seletivo de psicologia evolucionista para legitimar hierarquias de gênero e sexualidade (Ging, 2019).

No Brasil, *coaches* adaptam esse *framework*[14] por meio de plataformas locais, com forte apelo a memes e pseudociência. Connell (2005) oferece o conceito de masculinidade hegemônica como configuração de práticas que buscam legitimar a dominação masculina e a subordinação das mulheres. Nesse contexto, a desinformação e violência de gênero digital no Brasil normalizam o ódio, se conectam a extremismos e produzem impactos concretos,

[11] Estratégia de dominação que se manifesta por meio de ciúme, vigilância e restrição da autonomia da parceira que reforçam o poder masculino nas relações afetivas (Sánchez-Hernández *et al*., 2020).

[12] Atribuição de características fixas, naturais e imutáveis aos sexos, que naturaliza hierarquias e diferenças comportamentais entre homens e mulheres (Kuhnen, 2013).

[13] Propriedades funcionais e relacionais das plataformas digitais que moldam, sem determinar, as ações dos usuários, favorecendo determinados tipos de interação e conteúdo (Bucher; Helmond, 2018).

[14] Estrutura conceitual organizada de ideias, conceitos e modelos interpretativos que orienta a compreensão de um fenômeno. No contexto da Red Pill, o framework consiste no conjunto de narrativas pseudocientíficas que organizam a visão de mundo dos adeptos sobre relações de gênero (Ging, 2019).

criminalidades e vítimas reais, principalmente entre mulheres negras e transexuais[15] (Ricard; Spinardi; Gois; Cugler, 2025). Assim, o movimento *Red Pill* promove uma versão reativa dessa hegemonia, que responde aos avanços na obtenção de direitos pelas mulheres com narrativas de perda de poder e apelo ao retorno a papéis tradicionais de gênero.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adotou abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva. Quanto à tipologia de pesquisa, ela foi definida como bibliográfica, documental e de análise de conteúdo com recorte etnográfico (André, 1995). Para maior rigor sistemático da análise de documentos, buscou-se interpretar o significado das falas e comportamentos, considerando contexto social e cultural dos observados.

O método empregado foi a Análise de Discurso Crítico (ADC), orientada por Fairclough (2003), que permite examinar relações entre abuso de poder social, e desigualdades em contextos socioculturais quando reproduzidas em textos e práticas discursivas. A coleta de dados ocorreu entre 26 de abril de 2026 e 07 de maio de 2026, em duas etapas principais. Primeiro, realizou-se levantamento bibliográfico sobre desinformação de gênero, machosfera, misoginia, ódio e movimento *Red Pill* nas bases: SciELO, Google *Scholar* e BRAPCI. Em seguida, construiu-se um *corpus* intencional oral e escrito com conteúdo público de influenciadores brasileiros considerados integrantes do movimento, publicado entre 2023 e 2026. Foram selecionadas 40 peças entre vídeos virais, posts e *lives* por meio de buscas das palavras-chave: "*red pill*", "macho alfa", "mulher de valor" e "feminista". Além disso, foram utilizados relatórios secundários do NetLab-UFRJ[16] sobre presença de discursos e conteúdos misóginos no YouTube.

Em continuidade, a metodologia seguiu aos procedimentos de codificação temática, ao categorizar, organizar e rotular os trechos de documentos, textos ou entrevistas encontradas, para identificar os padrões, temas recorrentes e, por fim, os significados-base. Esse processo transformou os dados brutos em categorias conceituais que identificaram as narrativas interseccionais e mapearam os mecanismos de circulação. A observação etnográfica foi não

[15] O Brasil é campeão em ataques a mulheres trans e travestis, que atingem espantosos 93% dos casos de homicídio. Em 2022, o Brasil também fora campeão nos índices em relação a mulheres negras, que foram 66% dos casos de feminicídio registrados no SUS (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2024).

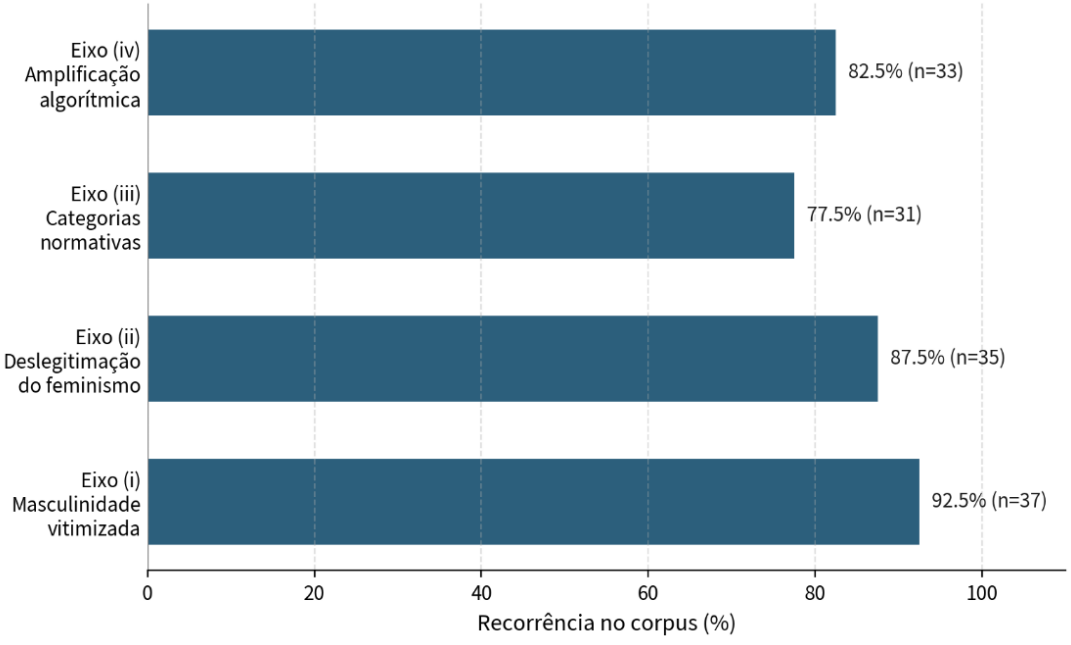
[16] Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais da ECO-UFRJ, coordenado pela Profa. Rose Marie Santini, o qual produz pesquisas e relatórios sobre desinformação e misoginia em plataformas. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/. Acesso em: 20 maio 2026.

participante e restrita a espaços virtuais abertos e acessíveis, com atenção à ética da pesquisa em ambientes digitais. Os aspectos éticos incluíram ainda uso exclusivo de conteúdos públicos, anonimato de perfis de usuários comuns e compromisso com a não reprodução sensacionalista do ódio. Ademais, não houve coleta de dados pessoais. Os resultados são apresentados a seguir de forma agregada e crítica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do *corpus* permitiu identificar quatro eixos discursivos recorrentes no movimento Red Pill brasileiro, a saber: (i) a construção da masculinidade vitimizada, (ii) a deslegitimação do feminismo e dos saberes produzidos por mulheres, (iii) a produção de categorias normativas de feminilidade e (iv) a circulação e amplificação algorítmica de conteúdos misóginos. Embora a pesquisa adote natureza qualitativa, observou-se relevante para a pesquisa a apresentação numérica dos resultados por eixo em um formato percentual, que revelou a seguinte distribuição: o eixo (i) apareceu em 37 das 40 peças (92,5%); o eixo (ii) em 35 peças (87,5%); o eixo (iii) em 31 peças (77,5%); e o eixo (iv) em 33 peças (82,5%), como mais bem disposto no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Recorrência dos eixos no *corpus* analisado



Nota: Em 28 peças (70%) observou-se a presença simultânea de pelo menos três eixos.

Fonte: elaboração própria (2026).

Os resultados revelaram também que em 28 peças (70%) houve a presença simultânea de pelo menos três eixos, o que evidencia a articulação entre eles, algo que ultrapassa a manifestação de opiniões individuais e opera como mecanismo de produção e difusão de desinformação de gênero, pseudociência e ódio sistemático contra mulheres e meninas.

O primeiro eixo refere-se à construção da masculinidade vitimizada. Nos conteúdos analisados, foi observada recorrente representação dos homens como grupo social supostamente prejudicado pelo avanço de direitos, garantias e mecanismos jurídicos associados à proteção das mulheres, entre eles a proteção contra a violência doméstica, a obrigação de prestar alimentos aos filhos, os alimentos pós-divórcio[17]; e o princípio da relevância atribuída a palavra da vítima[18] feminina em determinados crimes. Em algumas peças, tais mecanismos são apresentados como instrumentos que fragilizam relacionamentos, ameaçam o patrimônio masculino e expõem homens a denúncias falsas ou processos infundados. O feminismo aparece, nesse discurso, como responsável por tais transformações e como ameaça à posição masculina, o que sustenta a narrativa de perda de privilégios e de crise da masculinidade.

Tal narrativa desloca debates estruturais sobre desigualdade de gênero para uma lógica de antagonismo entre homens e mulheres, pensamento que reforça o que Ging (2019) identifica como elemento central da machosfera contemporânea, assim como corrobora com os estudos sobre masculinidades de Romeiro *et al*. (2023a, 2023b).

Este eixo delimita-se pela centralidade da narrativa de perda e de ressentimento masculino e intersecta-se com o eixo seguinte pois a vitimização associa os avanços nos direitos das mulheres à atuação do feminismo, cuja legitimidade é questionada no conteúdo. Permanece distinto, porém, por seu foco recair sobre a representação dos homens como sujeitos supostamente prejudicados, enquanto o eixo (ii) concentra-se na deslegitimação do feminismo e dos saberes produzidos por mulheres. Sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítico, os dados sugerem que essa estratégia produz inversões simbólicas de gênero nas quais grupos historicamente privilegiados pelo sistema patriarcal, colonial e cristão passam a ocupar discursivamente a posição de vítimas. Contudo, a vitimização masculina não constitui apenas um recurso retórico, mas funciona como mecanismo de mobilização afetiva baseado em

[17] Indenização destinada à atenuação do desequilíbrio econômico provocado pela ruptura conjugal, sobretudo quando há queda no padrão de vida ou dedicação exclusiva ao lar (Brasil, 2014).

[18] Entendimento firmado no STJ. A palavra da vítima possui especial relevância em crimes praticados na clandestinidade, desde que harmônica com as demais provas, porém sem caráter absoluto (Brasil, 2022).

ressentimento e hostilidade direcionados às mulheres e meninas. Ao apresentar conquistas das mulheres como ameaças aos homens, os discursos analisados transformam demandas por igualdade de gênero em evidências de uma suposta perseguição masculina. Dessa forma, o ódio aparece como elemento constitutivo da identidade coletiva produzida pelo movimento. O antagonismo constante entre "homens despertos" e mulheres associadas ao feminismo favorece a construção de inimizades sociais e legitima a circulação de discursos discriminatórios, excludentes e violentos.

O segundo eixo, por sua vez, corresponde à deslegitimação sistemática do feminismo e dos conhecimentos produzidos por mulheres. O *corpus* revelou associações frequentes entre feminismo, manipulação ideológica, destruição da família e controle social. Em diversos casos encontrados ao longo da formação do *corpus*, experiências de mulheres relacionadas à violência de gênero foram desacreditadas ou relativizadas por meio da seleção parcial de dados estatísticos e do uso de argumentos pseudocientíficos.

Este eixo é definido pela invalidação epistêmica, expressa na desqualificação das mulheres como produtoras de conhecimento e testemunhas de suas próprias experiências (Fricker, 2007). Intersecta-se com o eixo inicial, pois a deslegitimação do feminismo sustenta a narrativa de vitimização masculina, mas permanece distinto por concentrar-se na credibilidade atribuída às mulheres e aos seus saberes, enquanto também se conecta ao terceiro eixo justamente porque a deslegitimação incide com maior intensidade sobre mulheres que não correspondem aos padrões de feminilidade valorizados pelo movimento. A pseudociência (Pilati, 2018) emerge como um dos principais mecanismos de legitimação discursiva do movimento. Conceitos oriundos da psicologia evolucionista, biologia comportamental e neurociência foram frequentemente apropriados de forma seletiva, descontextualizada ou sem respaldo científico para justificar desigualdades de gênero como fenômenos naturais e inevitáveis. A retórica dos "machos alfa", da hipergamia feminina e das supostas predisposições biológicas femininas para submissão ou manipulação constitui exemplo recorrente desse processo. Ao revestir preconceitos com linguagem científica, o movimento produz uma aparência de objetividade que dificulta a identificação da desinformação e fortalece sua credibilidade junto ao público.

Observou-se ainda que essa deslegitimação não atinge todas as mulheres de forma homogênea. O terceiro eixo trata da produção de categorias normativas de feminilidade e

demonstra como os conteúdos analisados frequentemente estabelecem distinções morais entre mulheres consideradas “respeitáveis” e mulheres consideradas “desviantes”. Nesse contexto, mulheres brancas, heterossexuais e associadas a padrões tradicionais de performance de feminilidade tendem a ser representadas como vítimas legítimas de violência quando se enquadram nos papéis valorizados pelo movimento. Em contraste, mulheres negras, periféricas e sexualmente autônomas são frequentemente retratadas por meio de estereótipos que as associam à promiscuidade, agressividade ou interesse econômico, o que produz uma dicotomia entre modelos considerados aceitáveis e inaceitáveis de feminilidade e de ser mulher. Como resultado, suas experiências de violência são relativizadas, desacreditadas ou invisibilizadas.

Este eixo é demarcado pelo controle simbólico dos papéis sociais atribuídos às mulheres. Ele se intersecta com o segundo eixo, pois a deslegitimação dos saberes é mais intensa sobre aquelas mulheres que não se enquadram no modelo normativo. Está interligado com o eixo inicial, pois a vitimização masculina se apoia na dualidade entre a “mulher de valor” e a “mulher a ser evitada”, onde a segunda é vista como responsável por muitos dos males masculinos apresentados.

Essa dinâmica aproxima-se do conceito de injustiça testemunhal formulado por Fricker (2007), uma vez que reduz a credibilidade atribuída às mulheres negras enquanto sujeitas denunciantes de violências ou assédios. Simultaneamente, interpretações capazes de explicar desigualdades estruturais e entender as violências sofridas por essas mulheres contribui para a reprodução de injustiças hermenêuticas. Além disso, contribui para processos de epistemicídio, particularmente contra saberes construídos de movimentos mulheristas, feministas, negros e decoloniais.

Os resultados indicam que tais classificações operam como mecanismos de controle simbólico sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres pela sociedade patriarcal, o que reforça formas contemporâneas de misoginia e normaliza violência e ódio no ambiente web. Essas narrativas também invisibilizam experiências de mulheres negras, periféricas e LGBTQIAPN+ que são punidas simbolicamente ao desafiarem expectativas tradicionais de gênero, tendo, por fim, suas vivências excluídas por fugirem aos modelos idealizados de feminilidade promovidos pelo movimento. Mais do que estabelecer preferências individuais, essas categorias produzem hierarquias de valor com base na pertença étnico-racial da sujeita que definem quais mulheres merecem reconhecimento social, proteção e legitimidade.

Sob uma perspectiva interseccional, os impactos dessas narrativas revelam que mulheres negras são atingidas pela combinação entre misoginia e racismo, além de serem frequentemente hipersexualizadas ou representadas por estereótipos historicamente associados à desumanização de seus corpos. Mulheres periféricas, por sua vez, enfrentam discursos que naturalizam desigualdades econômicas e atribuem condições estruturais de vulnerabilidade a supostas falhas individuais. Mulheres LGBTQIAPN+, especialmente mulheres trans, aparecem como alvo recorrente de discursos que negam suas identidades, questionam sua legitimidade social e reforçam processos de exclusão social e de gênero. Assim, embora o discurso Red Pill afete mulheres de maneira geral, seus efeitos são ampliados sobre grupos que já ocupam posições historicamente marginalizadas.

Por fim, o quarto eixo refere-se aos mecanismos de circulação desses discursos. Os materiais analisados e os relatórios do NetLab-UFRJ demonstraram que conteúdos inicialmente apresentados como autoajuda masculina, desenvolvimento pessoal ou aconselhamento afetivo frequentemente funcionam como porta de entrada para discursos misóginos mais explícitos. Tal dinâmica confirma as discussões de Noble (2018) acerca do papel dos sistemas algorítmicos na amplificação de conteúdos discriminatórios. Os dados vão ainda ao encontro de Santini *et al*. (2024) quando revelam a existência de estratégias discursivas sofisticadas de recrutamento e permanência de audiência. Entre elas, destacam-se a utilização de narrativas de revelação de uma suposta verdade oculta, a exploração de inseguranças masculinas e a simplificação de problemas sociais complexos. Essas estratégias são frequentemente acompanhadas por intensa articulação entre diferentes formatos e plataformas digitais, o que engloba vídeos curtos, transmissões ao vivo, recortes de podcasts, grupos fechados em aplicativos de mensagens e comunidades digitais. Indo além, os programas de monetização por cursos atuam de forma complementar, ao transformar a misoginia em produto comercial, incentivam a produção constante de conteúdos cada vez mais polarizadores e emocionalmente mobilizadores.

Os resultados sugerem que a desinformação de gênero produzida pela esfera *Red Pill* não se restringe à divulgação de notícias falsas. Trata-se de um processo mais amplo de construção de sentidos, no qual discursos pseudocientíficos, narrativas de ódio, ressentimentos sociais, estratégias de monetização e mecanismos de visibilidade algorítmica atuam conjuntamente para reforçar desigualdades de gênero, silenciar saberes feministas e reproduzir injustiças informacionais e epistêmicas. No contexto brasileiro, marcado por elevados índices

de violência contra mulheres, feminicídios e desigualdades raciais e sociais persistentes, tais narrativas contribuem para a normalização da misoginia, para o enfraquecimento da credibilidade das mulheres enquanto produtoras de conhecimento e para a legitimação simbólica de práticas discriminatórias e injustiças que produzem impactos concretos, que embora se diferenciem entre distintos grupos de mulheres, continuam a atingi-las de formas variadas e cada dia mais violentas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstraram que a desinformação de gênero constitui um problema informacional, pois interfere na credibilidade dos sujeitos, legitimidade dos saberes e nas condições de acesso e circulação da informação. Os achados reforçaram também que o movimento *Red Pill* brasileiro opera como uma rede de desinformação de gênero sustentada por discursos pseudocientíficos, narrativas de vitimização masculina e estratégias de amplificação algorítmica, onde a atuação da esfera *Red Pill*, portanto, ultrapassa a expressão de opiniões individuais e assume dimensão sociotécnica, na qual discursos, algoritmos e monetização convergem para sustentar formas contemporâneas de misoginia.

A análise permitiu identificar que embora cada dia mais acessíveis, os fluxos informacionais digitais se tornaram mecanismos que contribuem para a deslegitimação dos saberes produzidos por mulheres, entre outros grupos, e para o reforço de injustiças informacionais e epistêmicas e a normalização da misoginia em ambientes digitais.

Verificou-se ainda que os impactos dessas narrativas atingem mulheres de forma desigual, com efeitos mais intensos sobre mulheres negras, periféricas e LGBTQIAPN+. Tal constatação reforça a necessidade de uma abordagem crítica e interseccional da informação, capaz de reconhecer e compreender tanto tais mecanismos de produção da desinformação quanto seus distintos efeitos sobre diferentes grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça (5. Turma). **Agravo Regimental no Agravo em Recurso Especial nº 2.145.890/SP**. Relator: Min. Reynaldo Soares da Fonseca, 27 set. 2022. Diário da Justiça Eletrônico, Brasília, DF, 4 out. 2022.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça (3. Turma). **Recurso Especial nº 1.290.313/AL**. Relator: Min. Antonio Carlos Ferreira, 12 nov. 2014. Diário da Justiça Eletrônico, Brasília, DF, 19 nov. 2014.

BUCHER, Taina; HELMOND, Anne. The affordances of social media platforms. *In*: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (org.). **The SAGE handbook of social media**. London: SAGE Publications, 2018. p. 233-253.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 325-333.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/. Acesso em: 20 abr. 2026.

CURSINO, Malu; DEAN, Grace. 'Caso ela diga não': como redes sociais expõem usuários a 'níveis chocantes de misoginia', segundo pesquisa global. **BBC News Brasil**, São Paulo, 10 mar. 2026. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp3205l2zx9o. Acesso em: 20 abr. 2026.

DAUDT, Rafaella; VALIATI, Vanessa; CONTE, Daniel. Representações sociais emergentes no universo Red Pill e MGTOW no YouTube. **E-Compós**, Brasília, v. 28, p. 1-22, 2025. Disponível em: https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/2870. Acesso em: 25 abr. 2026.

DIAS, Carlos Henrique. Coach e influencer Thiago Schutz é detido em SP após denúncia de agressão contra namorada e liberado com medida protetiva. **G1**, São Paulo, 29 nov. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/11/29/coach-e-influencer-thiago-schutz-e-detido-em-sp-apos-denuncia-de-agressao-contra-namorada-e-liberado-com-medida-protetiva.ghtml. Acesso em: 2 maio 2026.

DIGNAM, Pierce Alexander; ROHLINGER, Deana. Misogynistic men online: how the red pill helped elect Trump. **Signs**: Journal of Women in Culture and Society, Chicago, v. 44, n. 3, p. 589-612, 2019. DOI: https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/701155. Acesso em: 28 abr. 2026.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, Baltimore, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/579342 . Acesso em: 30 abr. 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. São Paulo: FBSP, 2025.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice**: power and the ethics of knowing. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, Thousand Oaks, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/1097184X17706401. Acesso em: 2 maio 2026.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/. Acesso em: 8 maio 2025.

KENWAY, Jane. Truth parasites, right-wing fury and the predicaments of feminist expertise. *In*: BURKE, Penny Jane; GILL, Rosalind; KANAI, Akane; COFFEY, Julia (org.). **Gender in an era of post-truth populism**: pedagogies, challenges and strategies. London: Bloomsbury Publishing, 2022. p. 21-42.

KHAN, Irene. **La desinformación y la libertad de opinión y de expresión**. [S. l.]: Naciones Unidas, Asamblea General, Consejo de Derechos Humanos, 13 abr. 2021. Documento A/HRC/47/25. Disponível em: https://docs.un.org/es/A/HRC/47/25. Acesso em: 19 jun. 2026.

KUHNEN, Tânia. É possível dizer algo novo sobre essencialismo de gênero? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 409-412, jan./abr. 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100025. Acesso em: 9 maio 2026.

MARTELETO, Regina. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009. Acesso em: 3 set. 2026.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. New York: NYU Press, 2018.

NOGUEIRA, Cibele Andrade; DOMINGUES, Roger Pereira. Desinformação, feminismo e parasitas da informação: o papel da ciência da informação na promoção da integridade informacional de gênero. *In*: SILVEIRA, Jader Luís (org.). **Biblioteconomia e informação**: contemporaneidades. Formiga: Editora Uniesmero, 2025. p. 35-53.

ODUM, Eugene; BARRETT, Gary. **Fundamentos de ecologia**. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PIERCE, Andrew W. **Gender and Twitter behavior in the Russian disinformation campaign in the United States, 2012-2018**. [S. l.]: Andrew W. Pierce, 23 jun. 2020. Working paper. Disponível em: http://www.andrewwpierce.com/uploads/2/1/0/7/21071390/gendered_language.pdf. Acesso em: 9 jun. 2026.

PILATI, Ronaldo. **Ciência e pseudociência**: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Contexto, 2018.

RICARD, Julie; SPINARDI, Anna; GOIS, Amanda Quitério de; CUGLER, Ergon. **Violência de gênero facilitada pela tecnologia contra mulheres na política no Brasil**. [S. l.]: ALIGN Platform, 2025.

ROMEIRO, Nathália Lima. **#VAMOSFAZERUMESCÂNDALO**: folksonomia e ativismo digital. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

ROMEIRO, Nathália Lima; SILVA, Franciéle C. G.; BRISOLA, Anna Cristina C. A. S. A página Arrumando Letras como um espaço para a desconstrução da dominação do patriarcado. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 16, n. 3, 2018. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/39978. Acesso em: 10 jun. 2026.

ROMEIRO, Nathália Lima *et al*. Categorização das novas masculinidades em ambientes socioinformacionais: reflexões a partir dos estudos de gênero e decolonialidade. **Biblios**, [S. l.], n. 86, p. 136-151, 2023a. DOI: https://biblios.ufes.br/biblios/article/view/1125. Acesso em: 26 Out. 2026

ROMEIRO, Nathália Lima *et al*. "Porque eu sou é homem": categorizações das novas masculinidades no Twitter. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: UFS; ANCIB, 2023b.

SAMPAIO, Denise B. *et al*. Violência contra a mulher na perspectiva dos regimes de informação: uma análise sobre o machismo direcionado a assistentes digitais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 14, p. 1-20, 2021. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/197631. Acesso em: 10 jun. 2026.

SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, Dolores; HERRERA-ENRÍQUEZ, Carmen; EXPÓSITO, Francisca. Controlling behaviors in couple relationships in the digital age. **Psychosocial Intervention**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 67-81, 2020. DOI: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10447318.2023.2204275. Acesso em: 26 Out. 2026

SANTINI, Marie *et al*. **"Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher"**: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab UFRJ, 2024.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

SOLEA, Anda Iulia; SUGIURA, Lisa. Mainstreaming the Blackpill: understanding the incel community on TikTok. **European Journal on Criminal Policy and Research**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 311-336, 2023. DOI: https://link.springer.com/article/10.1007/s10610-023-09559-5 . Acesso em: 26 Out. 2026

VAN VALKENBURGH, Shawn P. Digesting the red pill: masculinity and neoliberalism in the manosphere. **Men and Masculinities**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 84-103, 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/1097184X18816118. Acesso em: 26 Out. 2026

VIANA, Anna Raquel de Lemos; LIMA, Paulo Ricardo Silva; ARRUDA, Anderson Matheus Alves; MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. Tendências de pesquisas em desinformação de gênero na Web of Science e Scopus. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: UFS; ANCIB, 2023.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e desenvolvido no âmbito do Grupo de pesquisa Oríkì-BiCi: Estudos Informacionais Negro-Africanos, Afrodiaspóricos, Antirracistas, Interseccionais e Anti-epistemicidas na Amazônia.